

Ministério da Cultura apresenta:



FESTIVAL  
**camões**

**SUÍTE PARA CAMÕES**

Chiris Gomes e Octavio Camargo

**DE 10/06 A 05/07**

**festivalcamoes.com.br**

 **festivalcamoes**

## PARTE I

### Luiz de Camões

Canto IV – A partida da esquadra de Vasco da Gama. (Recitação: Chiris Gomes)

A gente da cidade, aquele dia,  
(Uns por amigos, outros por parentes,  
Outros por ver somente) concorria,  
Saüdosos na vista e descontentes.  
E nós, co a virtuosa companhia  
De mil Religiosos diligentes,  
Em procissão solene, a Deus orando,  
Pe ra os batéis viemos caminhando.

Em tão longo caminho e duvidoso  
Por perdidos as gentes nos julgavam,  
As mulheres cum choro piedoso,  
Os homens com suspiros que arrancavam.  
Mães, Esposas, Irmãs, que o temeroso  
Amor mais desconfia, acrescentavam  
A desesperação e frio medo  
De já nos não tornar a ver tão cedo.

Qual vai dizendo: – «Ó filho, a quem eu tinha  
Só pera refrigerio e doce emparo  
Desta cansada já velhice minha,  
Que em choro acabará, penoso e amaro,  
Porque me deixas, mísera e mesquinha?  
Porque de mi te vás, o filho caro,  
A fazer o funéreo encerramento  
Onde sejas de peixes mantimento?

Musica Preludio BWV 999 Bach  
Canto V - O início da viagem.  
(Recitação: Octavio Camargo)

Entrava neste tempo o eterno lume  
No animal Nemeio truculento;  
E o Mundo, que co tempo se consume,  
Na sexta idade andava, enfermo e lento.  
Nela vê, como tinha por costume,  
Cursos do Sol catorze vezes cento,  
Com mais noventa e sete, em que corria,  
Quando no mar a armada se estendia.

Já a vista, pouco e pouco, se desterra  
Daqueles pátrios montes, que ficavam;  
Ficava o caro Tejo e a fresca serra  
De Sintra, e nela os olhos se alongavam;  
Ficava-nos também na amada terra  
O coração, que as mágoas lá deixavam;  
E, já depois que toda se escondeu,  
Não vimos mais, enfim, que mar e céu.

Assi fomos abrindo aqueles mares,  
Que geração alguma não abriu  
As novas Ilhas vendo e os novos ares  
Que o generoso Henrique descobriu;  
De Mauritània os montes e lugares,  
Terra que Anteu num tempo possuiu,  
Deixando à mão esquerda, que à direita  
Não há certeza doutra, mas suspeita.

Canto 4 - O lamento da esposa.  
(Recitação: Chiris Gomes)

Qual em cabelo: – Ó doce e amado esposo,  
Sem quem não quis Amor que viver possa,  
Porque is aventurar ao mar iroso  
Essa vida que é minha e não é vossa?  
Como, por um caminho duvidoso,  
Vos esquece a afeição tão doce nossa?  
Nosso amor, nosso vão contentamento,  
Quereis que com as velas leve o vento

Música: Prelúdio da Suite BWV 1006 Bach  
Canto 1 - Proêmio dos Lusíadas  
(Recitação: Octavio Camargo)

As armas e os Barões assinalados  
Que da Ocidental praia Lusitana  
Por mares nunca de antes navegados  
Passaram ainda além da Taprobana,  
Em perigos e guerras esforçados  
Mais do que prometia a força humana,  
E entre gente remota edificaram  
Novo Reino, que tanto sublimaram;

E também as memórias gloriosas  
Daqueles Reis que foram dilatando  
A Fé, o Império, e as terras viciosas  
De África e de Ásia andaram devastando,  
E aqueles que por obras valerosas  
Se vão da lei da Morte libertando,  
Cantando espalharei por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Cessem do sábio Grego e do Troiano  
As navegações grandes que fizeram;  
Cale-se de Alexandro e de Trajano  
A fama das vitórias que tiveram;  
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,  
A quem Neptuno e Marte obedeceram.  
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,  
Que outro valor mais alto se alevanta.

E vós, Tágides minhas, pois criado  
Tendes em mi um novo engenho ardente,  
Se sempre em verso humilde celebrado  
Foi de mi vosso rio alegremente,  
Dai-me agora um som alto e sublimado,  
Um estilo grandíloco e corrente,  
Por que de vossas águas Febo ordene  
Que não tenham enveja às de Hipocrene.

Dai-me ãa fúria grande e sonora,  
E não de agreste avena ou frauta ruda,  
Mas de tuba canora e belicosa,  
Que o peito acende e a cor ao gesto  
muda;

Dai-me igual canto aos feitos da famosa  
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;  
Que se espalhe e se cante no universo,  
Se tão sublime preço cabe em verso.

E vós, ó bem nascida segurança  
Da Lusitana antiga liberdade,  
E não menos certíssima esperança  
De aumento da pequena Cristandade;  
Vós, ó novo temor da Maura lança,  
Maravilha fatal da nossa idade,  
Dada ao mundo por Deus, que todo o  
mande,  
Pera do mundo a Deus dar parte grande;

Vós, tenro e novo ramo florescente  
De uma árvore, de Cristo mais amada  
Que nenhuma nascida no Ocidente,  
Cesárea ou Cristianíssima chamada  
(Vede-o no vosso escudo, que presente  
Vos amostra a vitória já passada,  
Na qual vos deu por armas e deixou  
As que Ele pera si na Cruz tomou);

Vós, poderoso Rei, cujo alto Império  
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro,  
Vê-o também no meio do Hemisfério,  
E quando desce o deixa derradeiro;  
Vós, que esperamos jugo e vitupério  
Do torpe Ismaelita cavaleiro,  
Do Turco Oriental e do Gentio  
Que inda bebe o licor do santo Rio:

Inclinai por um pouco a majestade  
Que nesse tenro gesto vos contemplo,  
Que já se mostra qual na inteira idade,  
Quando subindo ireis ao eterno templo;  
Os olhos da real benignidade  
Ponde no chão: vereis um novo exemplo  
De amor dos pátrios feitos valerosos,  
Em versos divulgados numerosos.

Vereis amor da pátria, não movido  
De prémio vil, mas alto e quási eterno;  
Que não é prémio vil ser conhecido  
Por um pregão do ninho meu paterno.  
Ouvi: vereis o nome engrandecido  
Daqueles de quem sois senhor superno,  
E julgareis qual é mais excelente,  
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

Ouvi, que não vereis com vãs façanhas,  
Fantásticas, fingidas, mentirosas,  
Louvar os vossos, como nas estranhas  
Musas, de engrandecer-se desejosas:  
As verdadeiras vossas são tamanhas  
Que excedem as sonhadas, fabulosas,  
Que excedem Rodamonte e o vão Rugeiro  
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

Por estes vos darei um Nuno fero,  
Que fez ao Rei e ao Reino tal serviço,  
Um Egas e um Dom Fuas, que de Homero  
A cítara para' eles só cobiço;  
Pois polos Doze Pares dar-vos quero  
Os Doze de Inglaterra e o seu Magriço;  
Dou-vos também aquele ilustre Gama,  
Que para si de Eneias toma a fama.

Musica. Lourée da Suite BWV 1006. Bach  
Canto 9 – As ninfas na ilha de Vênus.  
(Recitação: Chiris Gomes)

Nesta frescura tal desembarcavam  
Já das naus os segundos Argonautas,  
Onde pela floresta se deixavam  
Andar as belas Deusas, como incautas.  
Algũas, doces cítaras tocavam;  
Algũas, harpas e sonoras frautas;  
Outras, cos arcos de ouro, se fingiam  
Seguir os animais, que não seguiam.

Assi lho aconselhara a mestra experta:  
Que andassem pelos campos espalhadas;  
Que, vista dos barões a presa incerta,  
Se fizessem primeiro desejadas.  
Algũas, que na forma descoberta  
Do belo corpo estavam confiadas,  
Posta a artificiosa formosura,  
Nuas lavar se deixam na água pura.

## PARTE II

### Fado da Saudade

Nasce o dia na cidade que me encanta  
Na minha velha Lisboa de outra vida  
E com um nó de saudade na garganta  
Escuto um fado que se entoa à despedida  
Foi nas tabernas de Alfama em hora triste  
Que nasceu esta canção o seu lamento  
Na memória dos que vão tal como o vento  
No olhar de quem se ama e não desiste  
Quando brilha a antiga chama ou sentimento  
Oíço este mar que ressoa enquanto canta  
E da Bica à Madragoa num momento  
Volta sempre esta ansiedade da partida  
Nasce o dia na cidade que me encanta  
Na minha velha Lisboa de outra vida  
Quem vive só do passado sem motivo  
Fica preso a um destino que o invade  
Mas na alma deste fado sempre vivo  
Cresce um canto cristalino sem idade  
É por isso que imagino em liberdade  
Uma gaivota que voa renascida  
E já nada me magoa ou desencantada  
Nas ruas desta cidade amanhecida  
Mas com um nó de saudade na garganta  
Escuto um fado que se entoa a despedida  
Nasce o dia na cidade que me encanta  
Na minha velha Lisboa de outra vida  
E com um nó de saudade na garganta  
Escuto um fado que se entoa à despedida  
Nasce o dia na cidade que me encanta  
Na minha velha Lisboa de outra vida  
E com um nó de saudade na garganta  
Escuto um fado que se entoa à despedida

# J.C Ary dos Santos

## Um Homem na Cidade

### Carlos do Carmo

Dm7(5-) G7 G7(5+)  
Agarro a madrugada  
Cm7  
como se fosse uma criança  
Fm7(5-) A#7  
uma roseira entrelaçada  
D#7M  
uma videira de esperança  
Dm7(5-) G7  
Tal qual o corpo da cidade  
Cm7  
que manhã cedo ensaia a dança  
G#m7 C#7  
de quem, por força da vontade  
C#m7(9) F#7 F#7(13)  
de trabalhar nunca se cansa  
B7M B7  
Vou pela rua desta lua  
E7M  
que no meu Tejo acendo cedo  
Fm7(5-) A#7  
vou por Lisboa, maré nua  
D#7M  
que desagua no Rossio  
Dm7(5-) G7 G7(5+)  
Eu sou um homem na cidade  
Cm7  
que manhã cedo acorda e canta  
Fm7(5-) A#7  
e, por amar a liberdade  
D#7M  
com a cidade se levanta  
Dm7(5-) G7  
Vou pela estrada deslumbrada  
Cm7  
da lua cheia de Lisboa  
G#m7 C#7  
até que a lua apaixonada  
C#m7(9) F#7 F#7(13)  
cresce na vela da canoa

B7M B7  
Sou a gaivota que derrota  
E7M  
tudo o mau tempo no mar alto  
Fm7(5-) A#7  
Eu sou o homem que transporta  
D#7M  
a maré povo em sobressalto  
Dm7(5-) G7  
E quando agarro a madrugada  
G7(5+) Cm7  
colho a manhã como uma flor  
Fm7(5-) A#7  
à beira mágoa desfolhada  
D#7M  
um malmequer azul na cor  
Dm7(5-) G7  
o malmequer da liberdade  
Cm7  
que bem me quer como ninguém  
G#m7 C#7  
o malmequer desta cidade  
C#m7(9) F#7 F#7(13)  
que me quer bem, que me quer  
bem  
B7M B7  
Nas minhas mãos a madrugada  
A#7  
abriu a flor de Abril também  
G#m7 C#7  
a flor sem medo perfumada  
A#m7(5-) D#7  
com o aroma que o mar tem  
G#m7 C#7  
flor de Lisboa bem amada  
B F#7M  
que mal me quis, que me quer  
bem  
Escuto um fado que se entoa à  
despedida

# Fernando Pesssoa

Recitação: Chiris Gomes.

Álvaro de Campos

De várias cores,  
Lisboa com suas casas  
De várias cores,  
Lisboa com suas casas  
De várias cores...

À força de diferente, isto é monótono.  
Como à força de sentir, fico só a pensar.  
Se, de noite, deitado mas desperto,  
Na lucidez inútil de não poder dormir,  
Quero imaginar qualquer coisa  
E surge sempre outra (porque há sono,  
E, porque há sono, um bocado de sonho),  
Quero alongar a vista com que imagino  
Por grandes palmares fantásticos.  
Mas não vejo mais,  
Contra uma espécie de lado de dentro de  
pálpebras,  
Que Lisboa com suas casas  
De várias cores.  
Sorrio, porque, aqui, deitado, é outra coisa.  
À força de monótono, é diferente.  
E, à força de ser eu, durmo e esqueço que  
existo.  
Fica só, sem mim, que esqueci porque  
durmo,  
Lisboa com suas casas  
De várias cores.

# Villa Lobos

## Preludio 4 Harmônicos

Todas as cartas de amor são  
Ridículas.

Não seriam cartas de amor se não fossem  
Ridículas.

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!

Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

O amor, quando se revela,  
Não se sabe revelar.

## Preludo 5 – solo violão.

# Fernando Pessoa

Música e recitação: Chris Gomes

A criança que fui chora na estrada.  
Deixei-a ali quando vim ser quem sou;  
Mas hoje, vendo que o que sou é nada,  
Quero ir buscar quem fui onde ficou.  
Ah, como hei-de encontrá-lo? Quem errou  
A vinda tem a regressão errada.  
Já não sei de onde vim nem onde estou.  
De o não saber, minha alma está parada.  
Se ao menos atingir neste lugar  
Um alto monte, de onde possa enfim  
O que esqueci, olhando-o, relembrar,  
Na ausência, ao menos, saberei de mim,  
E, ao ver-me tal qual fui ao longe, achar  
Em mim um pouco de quando era assim.

# Preludio 1 - Fernando Pessoa

Poema em linha reta

(Recitação: Chiris Gomes)

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.  
Todos os meus conhecidos têm sido campeões  
em tudo.

E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco,  
tantas vezes vil,

Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,  
Indesculpavelmente sujo,

Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência  
para tomar banho,

Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,  
Que tenho enrolado os pés publicamente nos  
tapetes das etiquetas,

Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e  
arrogante,

Que tenho sofrido enxovalhos e calado,

Que quando não tenho calado, tenho sido mais  
ridículo ainda;

Eu, que tenho sido cómico às criadas de hotel,

Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos  
moços de fretes,

Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido  
emprestado sem pagar,

Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho  
agachado,

Para fora da possibilidade do soco;

Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas  
coisas ridículas,

Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste  
mundo.

Toda a gente que eu conheço e que fala comigo  
Nunca teve um acto ridículo, nunca sofreu  
enxovalho,  
Nunca foi senão príncipe — todos eles príncipes  
— na vida...

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana  
Que confessasse não um pecado, mas uma  
infâmia;

Que contasse, não uma violência, mas uma  
cobardia!

Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.  
Quem há neste largo mundo que me confesse  
que uma vez foi vil?

Ó príncipes, meus irmãos,

Arre, estou farto de semideuses!

Onde é que há gente no mundo?

Então sou só eu que é vil e erróneo nesta terra?

Poderão as mulheres não os terem amado,

Podem ter sido traídos — mas ridículos nunca!

E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,

Como posso eu falar com os meus superiores  
sem titubear?

Eu, que tenho sido vil, literalmente vil,

Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.

## **AS ILHAS AFORTUNADAS**

Que voz vem no som das ondas  
Que não é a voz do mar?  
É a voz de alguém que nos fala,  
Mas que, se escutamos, cala,  
Por ter havido escutar.  
E só se, meio dormindo,  
Sem saber de ouvir ouvimos,  
Que ela nos diz a esperança  
A que, como uma criança  
Dormente, a dormir sorrimos.  
São ilhas afortunadas,  
São terras sem ter lugar,  
Onde o Rei mora esperando.  
Mas, se vamos despertando,  
Cala a voz, e há só o mar

## **NEVOEIRO**

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,  
Define com perfil e ser  
Este fulgor baço da terra  
Que é Portugal a entristecer  
Brilho sem luz e sem arder,  
Como o que o fogo-fátuo encerra.  
Ninguém sabe que coisa quer.  
Ninguém conhece que alma tem,  
Nem o que é mal nem o que é bem.  
(Que ânsia distante perto chora?)  
Tudo é incerto e derradeiro.  
Tudo é disperso, nada é inteiro.  
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...  
É A HORA!

# Olívia Beja

## LUSOFONIA

Extensão imensurável  
de raízes em solos longínquo  
usos  
costumes sangues cruzados...  
sonhos que ficaram perdidos nas pedras  
a circundar o Globo das nossas vidas  
estranhos  
estranhos porquê?  
talvez o sejamos na distância lusa  
dos nossos palmeirais exóticos  
panos garridos  
gargalhar sensual e provocador  
talvez o sejamos até no linguajar materno  
que no berço ouvimos  
mas se hoje procuramos a essência  
de um passado comum  
é porque aquele acento no coração de todos  
nós  
é a ave migratória dos nossos mares  
entrelaçados

# Sidonio Muralha.

A paz. - Todas as crianças da Terra

Musica: Octavio Camargo. Recitação: Chiris  
Gomes

Um capacete de guerra tem um ar  
carrancudo.

Muito mais bela é uma flor.

Uma flor tem tudo  
para falar de paz e de amor.

Mas se virarmos o capacete de guerra  
ele será um vaso, e é bem capaz  
de ter uma flor num pouco de terra  
e falar de amor e de paz.

A paz é uma pomba que voa.  
É um casal de namorados.  
São os pardais de Lisboa  
que fazem ninho nos telhados.

E é o riacho de mansinho  
que saltita nas pedras morenas  
e toda calma do caminho  
com árvores altas e serenas.

A paz é o livro que ensina.  
É uma vela em alto mar  
e é o cabelo da menina  
que o vento conseguiu soltar.

E é o trabalho, o pão, a mesa,  
a seara de trigo ou de milho,  
e perto da lâmpada acesa  
a mãe que embala seu filho.

A paz é quando um canhão  
muito feio e de poucas falas,  
sente bater um coração  
e dispara cravos, em vez de balas.

E é o abraço que dás  
no dia em que tu partires,  
e as gotas de chuva da paz  
no balanço do arco-íris.

A paz é a família inteira  
na alegria do lar,  
bem juntinho a lareira  
quando o inverno chegar.

A paz é a onda redonda  
que da praia tem saudades  
e muito mais do que a onda  
a paz é a vida sem grades.

A paz são aquelas abelhas  
que nos dão favos de mel  
e todas as papoulas vermelhas  
que eu desenho no papel.

Ventoinha, ventarola,  
Moinho que faz farinha,  
Meninos que vão à escola,  
A paz é tua e é minha.

É luar de lua cheia  
tocando as casas e a rua,  
são conchas, búzios na areia,  
a paz é minha e é tua.

É o povo todo unido,  
no mundo, de norte a sul,  
e é um balão colorido  
subindo no céu azul

A paz é o oposto da guerra,  
é o sol, são as madrugadas,  
e todas as crianças da tra  
de mãos dadas, de mãos dadas,  
de mãos dadas.

.....



## FICHA TÉCNICA

Realização: Lisboa Gastronomia

Produção: Unicultura (Universidade livre da Cultura) e Trento edições culturais

Direção Geral: Ricardo Trento

Produção Executiva: Marcos Trindade

Elaboração de Projetos: Élisson Silva

Assessoria de Imprensa: Heros Mussi Schwinden

Social Media: Larissa Poletto

Design Gráfico e Web: Willian de Melo

Marketing Cultural e Captação de Recursos: Ricardo Trento



Patrocínio



Apoio



Realização

